

# O CAVALO NO CENÁRIO DA GUERRA MODERNA

Gen-Div A. FRANCO FERREIRA

Diretor-Geral de Remonta e Veterinária

Remonta a milênios a utilização do cavalo como meio de obter movimentos rápidos e duradouros nos campos de batalha. Em verdade, desde que o homem conseguiu domar e dominar o cavalo, dêle se utiliza em proveito da mobilidade que confere aos guerreiros que o conduzem, bem como para a realização do efeito de massa que produzem às hordas por êle transportadas.

MOISÉS disse algum dia a seus Capitães :

*"Montai homens e enviai-os às terras do Além-Jordão, para que conheçam os costumes de lá, as idas e vindas das gentes, o valor de suas vinhas e o sabor de seus males..."*

E, assim, com o Criador do Mundo, nasceu a missão precípua da Cavalaria, a Busca de Informações ou Exploração.

Os guerreiros da Grécia ensinavam que seus quadrados de infantaria armada de lanças e protegida por escudos de couro endurecido, deviam ser cobertos por partidas de cavalerianos que, armados apenas de arco e flecha e adejando em tórno da falange, deveriam fustigar o inimigo antes do reencontro definitivo, desmoralizando-o e, até mesmo, infligindo-lhe perdas, antes do choque decisivo.

De XENOFONTE vêm as lições mais concretas de cobertura e de ação retardadora, na descrição da histórica retirada dos dez mil, onde os homens montados, surgindo inesperadamente em pontos de difícil acesso das alcantiladas montanhas da Armênia, detinham demoradamente o inimigo e cobriam o lento deslocamento dos catafractários mercenários.

GENGIS-KHAN, o Imperador dos Homens, o Flagelo dos Deuses, o Guerreiro Máximo, o Destruidor dos Infiéis, o Mestre da Mobilidade, utilizou o cavalo para honrar todos êsses títulos por que foi conhecido no Mundo, e com seus milhares de mongóis a cavalo, atravessou tôda a Ásia levando de roldão as populações vencidas pela ação esmagadora do choque de suas colunas de incansáveis cavaleiros e, por fim, mediante manobras de grande envergadura, realizando marchas e fintas de valor estratégico e consumando ataques de admirável violência, veio buscar na Europa, a famosa faixa de terra negra da Ucrânia, Rumênia e Boêmia, que dominou por longos e longos séculos. Foi a expressão do Combate da Cavalaria, na largueza de seus movimentos e na independência de suas ações.



Mais tarde, para tornar menos vulneráveis cavalo e cavaleiro, deram cotas de malha a êstes e, depois, armaduras de ferro a ambos que os faziam pesados e lerdos para as ações isoladas, mas que redobravam o efeito da massa, quando êsses titans, quase insensíveis aos insultos dos campos de batalha da época, carregavam nos últimos cem metros do combate final, sob o rebrilho metálico das armaduras, o tremular festivo das insígnias amarradas às pontas das lanças, e o policromado colorido dos penachos esvoaçantes dos helmos dos homens e das cabeçadas dos cavalos. Em 1346, — ano fatal para a Cavalaria —, na memorável batalha de Crecy, com o surgimento das primeiras bombardas que, pelo ruído estrondoso de seus tiros, assustaram os cavalos do ataque, levando seus manietados cavaleiros, em doidas disparadas, para direções opostas à do inimigo; surgiu também a primeira detração contra a Cavalaria e o primeiro prognóstico de sua fatal extinção.

Trezentos anos viveu a Cavalaria em olvídio e relegada de sua condição arma combatente que só foi restabelecida pelas ordenanças de LUIZ XV, estabelecendo os “torneios” para os pequenos elementos e os “Carroceis” de vultosos efetivos, em que, mediante a execução de elegantes evoluções, era propiciada, por fim, a oportunidade da descarga do único tiro dos pistoleiros das fileiras recuadas, depois de desembaraçadas pelas precisas conversões à direita e à esquerda feitas pelos lanceiros das primeiras linhas. Foi, possivelmente, a primeira combinação do fogo e do movimento, manobra essa que foi conservada pela Cavalaria dos Estados Unidos até à data da extinção de sua Cavalaria a cavalo — Março de 1942 —, para dar lugar à congênere blindada.

Com NAPOLEÃO, a Cavalaria viveu o apogeu de sua história gloriosa, e suas missões clássicas de exploração, cobertura, intervenção na batalha e exploração do bom êxito, jamais foram tão bem definidas e tão bem aplicadas. Na Europa, a legendária carga de Balaklava, em que a garbosa Cavalaria de LORD CARDIGAN contra-atacou os Russos do General LIPRANDI e os desbaratou, a despeito do forte apoio de fogos de que ainda dispunham, foi uma página de loas cantadas em homenagem à audácia e ao desprendimento.

No Brasil, as operações de JOSÉ DE ABREU (Barão do Cêrro Largo) no Potreiro de Arapeí, contra os apaniguados de ARTIGAS, os reveses de Sarandi, que deram lugar a que o Cel. BENTO MANUEL proclamasse o futuro brilhante do jovem Tenente OSÓRIO e, enfim as andanças da Cavalaria na fixação da fronteira Sul do País, são o precioso legado histórico formador da tradição eminentemente nacional da Arma dos espaços livres. Na Guerra do Paraguai, houve as reflexões otimistas de ANDRADE NEVES, ao escrever para seu amigo o Barão Homem de Mello, em junho de 1867: *“Nossas cavalarias estão muito bem montadas, os cavalos gordos e lindos; minha Divisão, de 1.400 praças boas, está ansiosa por brigar. Tenho a esperança de que alguma coisa farei, se não morrer na primeira carga. Eu aqui digo aos meus companheiros que não temos inimigo para brigar com este Exército”*. E os fatos confirmaram



tôda essa confiança, não só nos reencontros do Arroio Hondo, do Passo Real do Tebiquari, na tomada da Vila del Pilar, no combate da ponte de Surubi-i, como nas brilhantes ações da Cavalaria em Avaí e Lomas Valentinas, onde a arma das decisões rápidas foi inexcedível. Em contrapartida, no mesmo ano e mês de junho de 1867, o Major JOSÉ TOMAZ GONÇALVES, comandante interino do famoso Corpo Expedicionário de Mato Grosso, ao dar por finda a heróica retirada da Laguna proclamava: — *Soldados! A retirada que acabastes de efetuar, fêz-se em boa ordem, ainda que no meio das circunstâncias as mais difíceis. Sem cavalaria, contra o inimigo audaz que a possuía formidável, em campos onde o incêndio da macega, continuamente aceso, ameaçava devorar-vos e vos disputava o ar respirável, extenuados pela fome, dizimados pela cólera que vos roubou, em dois anos, o vosso comandante, o seu substituto e ambos os vossos guias, todos êsses males, todos êstes desastres, vós os suportaste, numa inversão de estações sem exemplo, debaixo de chuvas torrenciais, no meio de tormentas e através de imensas inundações em tal desorganização da natureza, que parecia contra vós conspirar. Soldados! Honra à vossa constância, que conservou ao Império os nossos canhões e as nossas bandeiras!*"

No decorrer da Primeira Grande Guerra, quando se esperavam grandes entreveros das duas cavalarias adversárias, prognosticou-se, ao contrário, o desaparecimento da nobre Arma, vencida pela intransponibilidade das trajetórias razantes das armas automáticas, que tão frenética aparição fizeram no campo de batalha. Entretanto, as manobras de cobertura dos Corpos de Cavalaria SORDET, deslocando seus grossos em cinco dias à distância de 160 quilômetros, em agôsto de 1914, o que permite imaginar quanto terão feito os destacamentos de descoberta e de segurança, detém a Brigada 14<sup>a</sup> de LUDENDORF, vanguarda do Corpo de VON DER MARWITZ, diminuindo o ímpeto da ação da famosa ala direita móvel do Plano de VON MOLTKE e, por fim, vem caber a um Esquadrão do 5<sup>o</sup> Regimento de Caçadores a Cavalo a glória de capturar certo prisioneiro particularmente documentado, que revelou tôda a secreta concentração alemã na Bélgica. Na inesquecível Batalha do Marne, houve oportunidade do emprêgo da 5<sup>a</sup> DC, do General CORNULIER-LUCINIÈRE sôbre as comunicações do adversário, mediante a lacônica ordem: "*quaisquer que sejam as fadigas dos cavalos e as dificuldades a vencer, atingir, custe o que custar, a região de Ferté-Milon, e daí fazer ouvir o troar do canhão, por forma a provocar, no inimigo, a aceleração de seus movimentos de retirada*". A região de Ferté-Milon ficava a 30 quilômetros das posições de reunião da DC, e para atingí-la era preciso transpor o Rio OURO e atravessar a Floresta de Villers-Cotterets, e sua ação foi comentada nas memórias do próprio VON KLUCK com os seguintes comentários: "*A presença da Cavalaria francesa na floresta de Villers-Cotterets impediu o transporte dos reabastecimentos e munições para Ferté-Milon e para Neuilly-Saint-Front*", e, "*ao crepúsculo, ardorosos destacamentos de cavaleiros franceses haviam atacado um parque de aviação ao SUL de Ferté-Milon. E, como nesse justo momento, chegas-*



*sem ao campo de aviação, os autos do comandante-chefe, todo o Estado-Maior teve de se armar de fuzís, para se defender".* A guerra de trincheiras apeou as Cavalarias, deu-lhes numerosas armas automáticas e as enterrou nas trincheiras das frentes estabilizadas, afirmando a falsa acertiva de que a potência de fogo havia suplantado o movimento da Cavalaria.

Em pleno 1918, o Esq. DAVOUD, a despeito da razância das metralhadoras e fuzís, carrega sôbre uma posição inimiga e desloca um Pôsto Avançado de Companhia, com um mínimo de perdas.

Mas, certamente terá sido nos Teatros de Operações longínquos dos Bálcãs e da Palestina que vamos encontrar os épicos feitos do General de Cavalaria JOUINOT-GAMBETTA, na segunda quinzena de setembro, com uma brigada ligeira, composta de um regimento de spahis marroquinos, dois regimentos de caçadores da África e duas seções de A.C. A.M., que, da fronteira greco — servia, foi lançada, de início, num aproveitamento de êxito e perseguição até à região de USKUB, e em seguida, numa incursão profunda de cêrca de 300 quilômetros, até às margens do Danúbio, ou as extraordinárias operações do General ALLEMBY, na Palestina coincidentemente, na mesma época, lançando um Corpo de Cavalaria, sob o comando do General CHAUVEL, em aproveitamento do êxito da ruptura de TULLKERAM que, por fim, resultou na destruição dos VII e VIII Exércitos turcos e conquista total da Síria.

Comentando as ações do fim da Primeira Grande Guerra, um historiador faz as seguintes observações :

— Se, em março de 1918, os alemães ainda tivessem divisões de cavalaria capazes de, aproveitando a ocasião, cair sôbre Montdidier, Clermont-sur-Oise e Amiens, pela brecha formidável que se abria nos nossos exércitos, Paris estaria perdida e a guerra teria acabado, para nós.

— Se, em setembro e outubro de 1918, os exércitos aliados não dispusessem de Cavalaria no Oriente, para explorar o sucesso, onde estaria a nossa vitória?...

Mas, não obstante tudo isso, os detratores da Cavalaria ganhavam terreno. Apoiados no extraordinário progresso da indústria automobilística que vinha realizando protótipos capazes de transportar possantes elementos de fogô, através quaisquer terrenos e a velocidades bem maiores que a normalmente fornecida pelo cavalo, e nos sofismas de que contra inimigo que se deslocasse a 50 quilômetros, que transportasse o volume de fogo das unidades do início da Segunda Grande Guerra e que utilizasse os recursos modernos das Comunicações, não era possível esperar qualquer coisa de útil, dos 12 quilômetros da velocidade do Cavalo, dos 150 quilogramas de sua capacidade de transporte e da precariedade dos recados dados pelo cavaleiro altamente vulnerável e lenta-



mente transportado pelo cavalo. E baniram a Cavalaria dos campos de batalha, entregando aos Blindados o magnífico acervo do "Espírito de Arma da Cavalaria.

Desencadeada a Segunda Grande Guerra, num esforço titânico de nação mais fraca contra o invasor mais forte, a Cavalaria polonesa, ativa e orgulhosa do "panache" de nobreza histórica, se contrapõe aos blindados de HITLER; mas, contra ela e aliados ao invasor, estavam os "fatôres atmosféricos" que, deixando de mandar dos céus as chuvas de verão para tornar intransitáveis os terrenos fora das estradas, consentiu àqueles o privilégio de se movimentar em qualquer direção, desbordando patrulhas e envolvendo destacamentos de cobertura, atacando flancos e retaguardas. Mas, no dia 10 de setembro de 1939 era preciso deter as colunas que marchavam sobre Varsóvia e, então, foi vista uma Brigada hipomóvel assomar das orlas N. da Floresta de Zambrow, galopar uma milha, em terreno pedregoso e investir, de surpresa, brandindo os afiados sabres tradicionais, sobre uma coluna motorizada que se deslocava na estrada, sem suspeitar, se quer, da sua presença no bosque próximo, levando-lhe o pânico e a desordem. E a gloriosa Brigada SU-WALKI, reunindo-se, ainda ao som tradicional de seus clarins, após o entrevero, sentiu falta apenas de três cavaleiros, que jaziam entre a centena de adversários abatidos, enquanto que várias centenas de prisioneiros eram levados por diante. Entrementes outro destacamento, forte em Engenharia da DC, conseguia destruir a ponte sobre o rio Narew, perto de Zawadov, bem como o trecho de estrada de ferro entre Regoweg e Chwalewo. Foi, sem dúvida, um exemplo de culto ao "espírito de cavalieriano", consubstanciado numa ação audaz e estoica, fruto de uma decisão que contrariava, por bem dizer, a própria doutrina então em voga em todos os exércitos do mundo, mas que outra não podia ser, em preservação da honra nacional da pátria invadida.

Três anos mais tarde, dá-se o fenômeno inverso. Os blindados de HITLER, os mesmos que haviam subjogado a Polônia e a França, são detidos pelo trinômio, lama, frio e ... cavalaria hipomóvel cossaca, nas estepes russas e recebem contra-ataques em que são fixados por carros, enquanto que a cavalaria cossaca age ativamente nos flancos e retaguardas, cortando linhas de comunicações e correntes de reabastecimentos. Em outras ocasiões, foram vistos elementos de carros em ataque, seguidos cada um de troços de cavaleiros a galope, para ações profundas nas retaguardas alemãs, havendo notícias seguras de que a cavalaria do General SOCOLOV teria vivido 135 dias no interior das linhas germânicas.

O General George S. PATTON Jr., o moderno paladino da guerra de movimento, comentando os sucessos (e alguns insucessos) da Campanha da Tunísia emitiu conceitos como o que se segue: *"É opinião unânime, não somente minha, mas de muitos oficiais-generais provenientes da infantaria e da artilharia que, se dispuséssemos na Tunísia e na Sicília, de uma Divisão de Cavalaria Americana com a sua artilharia de dorso, não teria escapado um único alemão..."*



Em verdade, o número de 10 de agosto de 1943 dos jornais da "Associated Press" noticiou, com a concisão nua da verdade, a informação de que: "As forças americanas combatendo face a Randazzo, a noroeste do Monte Etna, esmagaram o centro da frente germânica, utilizando as táticas da guerra de montanha, com transportes em dorso de mulas".

O ínclito Marechal MASCARENHAS DE MORAIS, comandante da Força Expedicionária Brasileira, na Itália, no seu Boletim Interno n. 127, de 7 de maio de 1945, elogiando a ação de uma Companhia Alpina de transporte sobre dorso, baixou longa citação de que os primeiros parágrafos são: — "Os soldados alpinos italianos têm colaborado brilhantemente com a FEB. Partilham da sorte da nossa gente, sofrem conosco as reações do inimigo, derramando, com os nossos combatentes, o sangue generoso, e oferecem a vida, como nós, pela extirpação da prepotência no Velho Continente. Conduzindo, na montanha, o alimento para os nossos homens e a munição que mata e fere o inimigo, estes bravos italianos se têm impôsto pela dedicação e desprendimento..."; e os oficiais de cavalaria que participaram daquela força expedicionária hão de se lembrar das caminhadas que fizeram nos últimos dias de janeiro de 45, para assistirem às malacabadas evoluções de um improvisado esquadrão de cavalaria hipomóvel pertencente à gloriosa 10ª de Montanha (americana), a nossa inesquecível companheira dos sucessos de Monte Castello.

Em abril de 1945, na famosa rendição das forças do General alemão FRETTER-PICO, em Fornovo-sur-Taro, entre as tropas da 148 Panzer-granadier Division (Divisão de Infantaria Blindada) e remanescentes da 90ª D.I. Motorizada e Divisão Itália, foram arrolados cerca de 4.200 cavalos e mulas, em meio de umas duas mil viaturas automóveis e auto-rebocadas.

Teòricamente o cavalo havia sido proscrito dos campos de batalha da Segunda Grande Guerra, mas, na prática...

Mr. GARTHOFF, em seu livro "Doutrina Militar Soviética", estatui:

*"Atualmente a Cavalaria deve ser considerada como um suplemento das forças motorizadas e blindadas e, nunca, como um fraco substituto delas. Sob condições de terreno, atmosféricas e logísticas em que as forças blindadas teriam sérias dificuldades a vencer, a Cavalaria poderá ser empregada com garantido sucesso. Nas estações chuvosas, quando a lama impuzer grandes restrições ao uso dos blindados, a tropa hipomóvel encontrará felizes oportunidades de emprego".*

Nos Estados Unidos, a revista "ARMOR — The Magazine of Mobile Warfare" e continuação do "The Cavalry Journal" vem publicando artigos encarecendo a opinião pública e a atenção profissional para o valor da contribuição do transporte hipomóvel, senão mesmo, da falta que este vem se fazendo sentir nos longínquos e extranhos Teatros de Operações da Coréia e do Sudeste Asiático admitindo o articulista que, no



primeiro dos TO, a Cavalaria teria sobressaído no escabroso terreno coreano proporcionando às forças das Nações Unidas elementos esmagadores dotados de alta mobilidade, e que, um simples esquadrão de cavalaria, cedido por uma das potências aliadas que ali cooperaram, teria produzido resultados profundamente diferentes nos eventos da Coréia, desde que tivesse sido convenientemente empregado e dotado das modernas armas sem recuo de alta potência e armas automáticas de alto rendimento.

São oportunas as palavras do General WAINWRIGHT, o sucessor de MAC ARTHUR, quando recomendava: *"Muito me bati para que fôsse conservada a única e última Divisão de Cavalaria Hipomóvel... , a qual, dessa forma poderia operar sob qualquer condição de tempo, terreno, clima e local. Deixem-nos remontar a Primeira Divisão de Cavalaria e repatriá-la aos EUA, para que sirva de núcleo de instrução e de expansão, se necessário, ou para ação imediata, em qualquer emergência"*.

Nos atualíssimos campos de batalha do Sudeste Asiático, a mobilidade tática tem sido obtida quase que exclusivamente por meio do helicóptero, meio altamente dispendioso, indiscreto e de pequeno rendimento que, certamente, tem grandes missões a cumprir na guerra moderna, sobretudo no tocante à observação, mas que jamais substituirá a meticulosidade dos elementos móveis de terra, particularmente a Cavalaria.

Um simples esquadrão de Cavalaria conduzindo, além de seus cavaleiros armados de tuzil e armas automáticas, as modernas armas sem recuo, transportadas no dorso de animais, pode levar seus meios de fogo a posições próximas dos redutos inimigos e apeá-los com rapidez e desencadear violentas ações de fogo de surpresa, mercê da discrição com que pode aproximar seus meios, suplantando de muito a mobilidade tática dos elementos motorizados que, de longe, são revelados pelo ruído dos motores e que terão de realizar longas etapas de aproximação, carregando a braços o pesado material de que disponha, pôsto que os caminhões não poderão ultrapassar, sem grave prejuízo para sua segurança, a "última linha de cristas" face ao inimigo.

Os blindados atiram em marcha e agem psicologicamente aumentando o ruído ensurdecedor dos motores com o silvo angustiante das sirenas, para quebrar o moral e produzir o pânico no inimigo, mas é irremediavelmente detido pelas dobras violentas do terreno, pelos cortes profundos, pelos terrenos empedrados e entocados e pela lama.

O moderno conceito de guerra atômica pede dispersão para viver e rápida concentração de meios para combater. Levando em conta ser muito mais fácil escamotear no terreno um regimento de cavalaria hipo, com seu milhar de cavalos, do que um batalhão de infantaria, com seus 60 caminhões e reboques e que o deslocamento dêste há de ser muitíssimo mais ruidoso do que o daquele, ousaremos perguntar, não estará aí a oportunidade para a revivescência da Cavalaria hipo? E, se alguém



argumentar que os futuros combates terão lugar em áreas radio-ativadas, que os homens combaterão usando máscaras e uniformes especiais para evitar a contaminação, meios ainda não idealizados para os animais, voltaremos a perguntar se não teremos o desprazer, em nome da discricção e da surprêsa, de utilizar o meio de aproximação até o limite de sua resistência, para, bem próximo dos objetivos, prosseguir a pé, a marcha da vitória, rendendo ao sacrificado cavalo, a homenagem do reconhecimento daquele elogio que lhe fêz algum dia, BUFFON: "Le cheval meurt pour obéir..."



*Na longa e trágica história da guerra, o mais importante elemento dos exércitos tem sido sempre o homem. Mesmo hoje, face à ampla mecanização e às quase incríveis armas de destruição, êsse antigo princípio ainda continua de pé.*

Gen J. Lawton Colins.